

DA GENERIFICAÇÃO À CONTRASSEXUALIDADE: PERCEPÇÕES SOBRE A POTÊNCIA DO LUGAR~CORPO INFANTIL NA EDUCAÇÃO FÍSICA ESCOLAR

Thais Adriane Vieira de Matos¹
Cláudia Madruga Cunha²

RESUMO

Este ensaio recorta parte de uma pesquisa de doutorado que investiga as potências do lugar~corpo infantil, corpo dobrado aos planos sociopolíticos da escolarização e pelos arranjos biopolíticos de controle das corporeidades LGBTI+, mas que se apresenta como objeto de estudo e plataforma de resistência nas aulas de Educação Física. As potências do lugar~corpo infantil dizem de um corpo múltiplo, multifacetado, problematizado diante de algumas questões expostas nas obras de um conjunto de autoras/es: de Michel Foucault trazemos as noções de biopoder e estética da existência, de Gilles Deleuze e Félix Guattari desdobramos o conceito de Corpo sem Órgãos e dos Estudos de Gênero pós-críticos e pós-identitários de Judith Butler abordamos a performatividade de gênero, assim como de Paul B. Preciado tomamos a teoria do corpo pautada na contrassexualidade. Esta seleção de percepções múltiplas, debates e conceitos, tem por objetivo pensar outras possibilidades de subjetivação de si, nas quais o gênero e a sexualidade ganham matéria e se apresentam como tecnologias para além da discursividade/performatividade. Objetiva anunciar o corpo em sua potência subversiva, capaz de produzir saberes próprios, por meio de linhas de fuga e experimentações de si, cria outros modos de sentir e de existir. O que nos exige pensar outros espaços e tempos de aprendizagem, com a intenção de adotar uma ética do que faz sentido, mais assentada numa ideia de gênero como epistemologia, do que em um processo de generificação binário. Nossa intenção é deslocar concepções e ações na estrutura escolar que constituam corporeidades idealmente escolarizadas.

Palavras-chave: Corpo. Corpo sem Órgãos. Contrassexualidade. Epistemologia de gênero. Educação Física escolar.

1 Doutoranda no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de Linguagem, Corpo e Estética na Educação, thaisadrianematos@gmail.com.

2 Professora orientadora no Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal do Paraná – UFPR, na linha de Linguagem, Corpo e Estética na Educação, cmadrugacunha@gmail.com.

INTRODUÇÃO E REFERENCIAL TEÓRICO

Nesse ensaio encontra-se uma tese em andamento³, que se coloca noutra direção em relação às pesquisas sobre Educação Física escolar e os Estudos de Gênero pós-críticos, pois ainda que se utilize da perspectiva foucaultiana, fala de um terceiro momento da obra desse filósofo e quer dar a saber mais dos processos que subvertem os arranjos biopolíticos e binários de subjetivação e de generificação, do que explorar os processos compulsórios e de controle individual que a corporificação das normas de conduta heterocentradas provocam nos corpos infantis escolarizados, especificamente quando tratamos do ensino da Educação Física nesse território⁴. Para isso, recupera a teoria do corpo expressada por Paul B. Preciado em seu *Manifesto contrassexual*, pois:

Compreender o sexo e o gênero como tecnologias permite remover a falsa contradição entre essencialismo e construtivismo. Não é possível isolar corpos (como materiais passivos ou resistentes) das forças sociais de construção da diferença sexual. Se prestarmos atenção às práticas contemporâneas da tecnociência, veremos que seu trabalho ignora as diferenças entre o orgânico e o mecânico, intervindo diretamente sobre a modificação e a fixação de determinadas estruturas do ser vivo. (PRECIADO, 2017, p. 157).

O que o autor chama de sexo e gênero como tecnologia, chamo de *gênero como epistemologia* remontando a argumentação de trabalhos anteriores (MATOS, 2021), além de buscar inspiração nas diversas professoras~autoras~feministas que contribuíram para consolidar as epistemologias de gênero, feministas e *queer* na pesquisa em Educação no Brasil⁵, entendendo que toda teoria é também uma prática e que nesse caso não se trata de *epistemes* colonizadoras e universais, mas de *epistemes desviantes*.

Se a racionalidade cartesiana esteve a serviço da manutenção de conceitos e privilégios que dizem respeito aos universais, como a figura masculina e branca, tais *epistemologias desviantes* fogem da tradição na centralização do poder, buscando alcançar as multiplicidades de existência num viés resistente e em devir, que se coloca, por vezes, até mesmo contra a exclusão produzida pela própria

3 Tal pesquisa é financiada pelo PROEX – Programa de Excelência Acadêmica da CAPES – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior.

4 Para mais informações ver o artigo *Los cuerpos de Foucault: una genealogía de los estudios foucaultianos en el campo académico de la Educación Física en Brasil y en la Argentina*, escrito por Santiago Pich e Norma Beatriz Rodrigues.

5 Desde a precursora Guacira Lopes Louro, até Margareth Rago e Maria Rita de Assis César, entre tantas outras.

identidade, numa perspectiva moralizante e salvacionista expressada nos discursos progressistas e inclusivos. Judith Butler anuncia tal tarefa de desconfiança dos pressupostos modernos de inclusão:

A tarefa, ao que parece, consiste em compelir os termos da modernidade de modo que abracem aqueles tradicionalmente excluídos, de modo que tal acolhimento não funcione para domesticar ou neutralizar o termo recentemente proferido; tais termos devem permanecer problemáticos para a noção vigente de política, devem expor os limites de sua reivindicação à universalidade e exigir uma reconsideração radical de seus parâmetros. Para que um termo faça parte de uma política convencionalmente excluída, ele deve emergir como ameaça à coerência da política; a política, por sua vez, deve sobreviver a essa ameaça sem aniquilar o termo. (BUTLER, 2022, p. 302).

Assim, especialmente neste trabalho, voltamos nossa atenção não só para as técnicas de exercício do poder, mas principalmente para as possibilidades de resistência que se abrem quando o gênero não é mais tomado como “tema transversal” nos limites binários do debate que opõe natureza e cultura ou essencialismo e construtivismo, sendo considerado como um campo teórico vasto e em disputa, e tomando partido não dos dualismos, mas das técnicas híbridas e subversivas de *produção de si* (FOUCAULT, 2018) contra o *biopoder* (FOUCAULT, 2015). De que modo? Numa cartografia que empresta o gesto genealógico foucaultiano e que pensa a potência do *lugar~corpo infantil* nas aulas de Educação Física escolar pela perspectiva da Filosofia da Diferença, frente aos discursos normativos sobre a chamada diversidade de gênero e sexual e as diretrizes oficiais desse componente curricular.

METODOLOGIA

De forma breve, existem três linhas de análise para serem cartografadas, que se entrecruzam e se sobrepõe, mas a fim de organizar a apresentação textual e colocar as referências específicas para conversação optou-se por dividi-las da seguinte maneira: *corpus teórico* sobre a noção conceitual de corpo em Deleuze e Guattari; *corpus documental* acerca das biopolíticas de inclusão da diversidade de gênero e sexual e, por fim, *corpus narrativo* no que tange as metodologias de ensino da Educação Física escolar nas memórias de discentes em formação inicial. Suely Rolnik, em *Cartografia sentimental: transformações contemporâneas do desejo*, afirma que quanto ao ato de cartografar:

É claro que esse tipo de avaliação nada tem a ver com cálculos matemáticos, padrões ou medidas, mas com aquilo que o corpo vibrátil capta no ar: uma espécie de *feeling* que varia inteiramente em função da singularidade de cada situação, inclusive do limite de tolerância do corpo vibrátil que está avaliando, em relação à situação que está sendo avaliada. (ROLNIK, 1989, p. 71).

Pesquisadora e território pesquisado vão ganhando corpo, se corporificando nessa relação que varia de intensidade conforme a realidade se diferencia a todo instante, sendo o objeto de análise: *a potência do corpo infantil escolarizado*. Tal investigação se desenvolve com base na revisão do *corpus* teórico da Filosofia da Diferença de Foucault~Deleuze~Guattari junto com os Estudos de Gênero pós-estruturalistas e a teoria *queer* em Judith Butler e Paul B. Preciado. Mas também articula nesse campo de conceituação – num plano intensivo, ao que advém dos Parâmetros Curriculares Nacionais – PCN, para o ensino da Educação Física e da recente Base Nacional Comum Curricular – BNCC.

No recorte de um componente específico buscaremos, por fim, contar com o apoio empírico das narrativas de memórias de estudantes em formação nessa área que já estão atuando em espaços de residência pedagógica e/ou estágio obrigatório do curso de Licenciatura em Educação Física da Universidade Federal do Paraná. Não buscamos observar e/ou produzir dados sobre o corpo infantil de maneira direta, mas antes disso pretende-se questionar os saberes e poderes que atravessam a construção subjetiva das corporeidades infantis que acessam a escola.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Como resultados preliminares podemos mencionar que, conforme posto na Base Nacional Comum Curricular – BNCC que entrou em vigor em 2019 a Educação Física escolar como componente curricular se ocupa da linguagem, assim não é possível dissociar as narrativas das performatividades, que só podem se dar corporalmente. Interessa-nos a composição do *lugar~corpo infantil* (MATOS; CUNHA, 2023), justamente nesse sentido, investigando até que ponto as narrativas são arbitrárias nas subjetivações do gênero e da sexualidade, mas também questionando em que medida tais corpos em fase de recepção dessas narrativas poderiam escapar delas, em outras palavras investigando a sua potência, pois:

Esses atos, gestos e atuações, entendidos em termos gerais, são *performativos*, no sentido de que a essência ou identidade que por um lado pretendem expressar são *fabricações* manufaturadas

e sustentadas por signos corpóreos e outros meios discursivos. (BUTLER, 2016, p. 235).

A fim de analisar conceitualmente a construção de subjetividade dos corpos, sendo esses processos mais rígidos e normativos ou não, ao indicar que essa subjetivação é coletiva e que passa pela linguagem, inclusive, a corporal. É também nesse meio que as proposições filosóficas~metodológicas abordadas por Foucault são significativas para a elaboração dessa proposta de pesquisa rizoma, pois o gesto genealógico é anterior e fundante da própria operação cartográfica, pois demanda ligar pontos históricos relevantes ao objeto de estudo.

Deleuze (2005) se refere ao Foucault como o primeiro cartógrafo, já que ao localizar determinados discursos e tecer suas relações com as culturas em seus modos diferentes de existência, o filósofo nos faz desconfiar de premissas colonizadoras e essencialistas ao nos ocupar em questionar o tempo presente, ainda que retomemos certos vestígios do passado que forjaram as condições de possibilidade para o que nos constitui contemporaneamente. O delineamento em uma cartografia das relações entre narrativas de políticas educacionais sobre a “inclusão” da diversidade de gênero e sexual, junto às narrativas metodológicas, formativas e pessoais na Educação Física escolar frente ao corpo escolarizado, não seria possível sem tal operação investigativa de viés genealógico.

Ao tomar a Educação Física como *área produtora do conhecimento escolar* e questionando as noções de corpo escolarizado, além do lugar de agir e/ou intervir na formação inicial em Licenciatura nessa área, na tentativa de ampliar seus horizontes criando pontes diretas com a educação básica e com os anos iniciais de formação, nos guiamos sobre essa parcela da educação formal, de onde será extraído o *corpus* documental nos registros oficiais que norteiam seu ensino, já o *corpus* narrativo da presente pesquisa advém de memórias de graduandas/os que estão em contato com essa docência em particular que é parte obrigatória dos currículos do ensino fundamental, atingindo assim a escolarização das infâncias.

Em *História da sexualidade 2: uso dos prazeres* Michel Foucault anuncia fortemente a saída ou a linha de fuga aberta pelo *cuidado de si*. “Existem diferenças possíveis nas formas de *elaboração* do *trabalho ético* que se efetua sobre si mesmo, não somente para tornar seu próprio comportamento conforme a uma regra dada”, (FOUCAULT, 2018, p.34), mas significa também posicionar-se estratégica e sensivelmente segundo regras de autodeterminação imprevisíveis, por vir, mas não de autocontrole, mesmo nos estoicos o corpo já possuía humores, sensações, psique para além do “físicismo” ele é psíquico.

A arte entra nesse jogo do corpo para além do físico, assim até mesmo a recorrente crítica da prática pela prática colocada pela corrente superadora das

metodologias de ensino da Educação Física, com noções postas, sobretudo, na obra conhecida como *Coletivo de autores* publicado em 1992, cujo título é *Metodologia do ensino da Educação Física*. Nesse sentido, uma prática está a produzir saber e conhecimento tanto quanto noutro momento de elaboração, só que passa pelos sentidos, os quais devem ser o foco dos objetivos em encaminhamentos metodológicos diversos de qualquer componente curricular, principalmente nas infâncias, que sentem e expressão com mais intensidade suas *corporeidades vibráteis*, como diria Rolnik (1989). Quando Deleuze 2017 nos fala de uma ética espinosista, ele está nos dizendo de uma teoria corporificada:

O corpo existe e dura na medida em que possui atualmente partes extensivas. Mas ele tem uma essência que é como uma parte intensiva interna (grau de potência). A própria alma tem partes extensivas, enquanto exprime a existência do corpo na duração. Mas ela também tem uma parte intensiva eterna, que é como a ideia da essência do corpo. A ideia que exprime a essência do corpo constitui uma parte intensiva ou a essência da alma, necessariamente eterna. Sob esse aspecto, a alma possui uma faculdade, isto é, uma potência que se explica pela sua própria essência: potência ativa de compreender, e de compreender as coisas pelo terceiro gênero sob a espécie da eternidade. Enquanto exprime a existência atual do corpo, a alma tem potência de conceber os outros corpos na duração; enquanto exprime a essência do corpo, a alma tem a potência de conceber os outros corpos sob a espécie da eternidade. (DELEUZE, 2017, p. 350).

Esse terceiro gênero de conhecer só se faz ao demandar o corpo em devir, em acontecimento, em atravessamento, que se dá na relação, portanto extensiva, mas também intensiva colocando a essência do corpo, o que para Espinosa seria Deus na própria materialidade do estado das coisas, das afecções, das paixões tristes ou alegres que o corpo experimente, seja aumentando ou diminuindo sua potência, quando a essência desse corpo se exprime espontaneamente e não sofre sanções pela normatividade heterocentrada, por exemplo, ele está em movimento intensivo que amplia sua capacidade de ler o mundo percebendo-o pelos sentidos e relações que estabelece com os outros corpos escolarizados. Essa essência não tem que ver com o essencialismo binário que ainda circunscreve tanto a perspectiva biológica quanto a construcionista e crítica sobre o conceito de gênero, que no fim diz respeito à *performatividade* eurocentrada de um gênero binário (BUTLER, 2016). Diferentemente, a autora Oyèrónké Oyèwùmí escreve sua tese de doutorado a partir de uma perspectiva afrocentrada, em que, por exemplo:

A ausência de gênero iorubá não deve ser lida como androginia ou ambiguidade de gênero. Não é uma ausência de gênero em termos de presença de atributos masculinos e femininos. Em vez disso, é isenta de gênero porque os atributos humanos não são em si, generificados. As diferenças bianatômicas não são uma fonte de distinção nem de identidade na lorubalândia. O *orí*, a cabeça metafísica e a fonte do destino e da identidade individuais, não tem sexo. As diferenças anassexuais são *incidentais* e não definem muito. (p. 255).

Ditanciando-a da obrigação ocidental de fazer prevalecer à metafísica, em outras palavras, a identidade em conformidade com a performatividade. Trata-se, ao menos nas infâncias, de modos ainda não tão capturados, engessados, sobre-codificados de se expressar sem estabelecer desvios perceptíveis de expectativas sociais de “gênero” que esse conceito de tão arraigado não se diferencia em nada de “sexo”, por exemplo, já que só conhece o discurso médico dicotômico, que produz incisivamente corpos sexuados conforme critérios muito questionáveis, e ainda incita pânico moral quando crianças e adolescentes anunciam seus processos de transgeneridade que em muitos casos não são incisivos, não demandam quadros cirúrgicos, operam no nível das linguagens, corporais, visuais, pronominais, mas que certamente passam pelo corpo e pela performatividade, ainda que se queira *queerizada*, fluída, não identificável, não escapa a codificação binária que martela sobre a educação do corpo desde o ventre, nas sociedades ocidentais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O cartografar de um território é filosofar na prática como na obra deleuzeana *Espinosa. Filosofia prática*, pois não se trata de tomar um rumo premeditado, retilíneo ou circular, plano e constante. Encontram-se erosões e declives que se fazem sentir no corpo, no corpo~docente~pesquisadora~mãe~solo, nunca só obviamente, também acompanhada de sua orientadora, que vai redirecionando-se a partir de muitas vozes que decide acessar ou que lhe chegam ao longo do caminho. Por vezes, tais inconsistências de rota lhe obrigam a refazer-se inteiramente, refazendo assim o percurso. – Mas, como isso na prática? – Te digo, em dado momento pretendia investigar um trecho específico feito da relação docência~discência que eu estava, ao mesmo tempo, construindo, me precavi, tomei meu diário de campo – caderneta rosa com estampa de guarda-chuva feita em EVA por uma colega docente que me presenteou no início do ano letivo, onde fui traçando linhas ainda vagas e soltas, visando conquistar permissão para trabalhar com esse material avaliativo, o que não ocorreu.

Força maior, externa, ventos incontroláveis, dizendo – Leve seu interesse de pesquisar para outro canto, assim como já solicitaram levar a aula para outro canto, no sol, mas ficamos ali na sombra, resistindo. Essa realidade ali não se podia transcrever. Respira, resguarda e percebe o horizonte maior de interesse, refaz a rota, assim cartografar extrapola o método e se insere no movimento ético que é viver a escola.

AGRADECIMENTOS

Agradeço toda a comunidade local do município de Matinhos em que professei ao longo do doutoramento, que ainda me cumprimenta com – Oi profel! Isso me enche de alegria assim como foram alegres nossas vivências e descobertas, nossas danças, gingas, pés descalços, cantos em coro, palmas encontrando ritmo de três passos em comum: U-bun-tu! Sou porque somos. Movimentos harmônicos e coletivos que ainda reverberam em nós.

REFERÊNCIAS

BUTLER, Judith. **Problemas de gênero**: feminismo e subversão da identidade. 10. ed. Trad. de Renato Aguiar. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

_____. **Desfazendo gênero**. Trad. de Aléxia Bretas, Ana Luiza Gussen, Beatriz Zampieri, Gabriel Lisboa Ponciano, Luís Felipe Teixeira, Petra Bastone e Victor Gal-dino. São Paulo: Editora Unesp, 2022.

DELEUZE, Gilles. **Foucault**. Trad. de Claudia Sant'Anna Martins. São Paulo: Brasiliense, 2005.

_____. **Espinosa e o problema da expressão**. Trad. de GT Deleuze – 12. São Paulo: Editora 34, 2017.

FOUCAULT, Michel. **História da sexualidade 1**: a vontade de saber. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 2. ed. São Paulo: Paz e Terra, 2015.

_____. **História da sexualidade 2**: o uso dos prazeres. Trad. Maria Thereza da Costa Albuquerque. 5. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, 2018.

MATOS, Thais Adriane Vieira de. **Gênero e sexualidade na escola**: o paradoxo da in/exclusão. Curitiba: Appris, 2021.

MATOS, Thais Adriane Vieira de; CUNHA, Cláudia Madruga. O que pode o corpo infantil no ambiente escolar? Potências e intensidades por vir na formação docente. **Revista Diversidade e Educação**, v. 10, n. 2, p. 160-185, 2023.

OYĔWÙMÍ, Oyèrónké. **A invenção das mulheres**: construindo um sentido africano para os discursos ocidentais de gênero. Rio de Janeiro: Bazar do Tempo, 2021.

PRECIADO, Paul B. **Manifesto contrassexual**. Trad. de Maria Paula Gurgel Ribeiro. São Paulo: n-1 edições, 2017.

ROLNIK, Suely. **Cartografia sentimental**: transformações contemporâneas do desejo. São Paulo: Estação Liberdade, 1989.